

Por que é que ele vem?

Marie-Hélène Brousse

Eu disse que falaria desta famosa fórmula "Eu venho por isso" do lado do analista, aquele para quem esse "eu venho" se dirigiu. Não esqueço, entretanto, o enunciado que a introduz: "curar com a psicanálise". "Com" não é "pela" ou mesmo, toda uma história¹, "graças à". Não é tão pouco "da", curar da psicanálise, título que Jacques-Alain Miller tinha maliciosamente escolhido para concluir o primeiro ano de ensino do Ateliê de psicanálise aplicada, conclusão que tinha sido dada a Éric Laurent para desenvolver.

O que ouve² o analista nessa fala sob transferência que se dirige a ele, essa fala que se procura, se força eventualmente, que se preparou ao inesperado do encontro de corpo que se efetua no consultório, essa fala que surpreende aquele que a enuncia ou essa fala que permanece prisioneira?

Ele ouve Isso:

Isso que sonha: uma jovem mulher próxima dos quarenta vem porque está dificilmente suportando a relação com seu amante. Esposa de um homem muito mais velho que ela, do qual teve dois filhos, no exercício de sua profissão teve um encontro amoroso essencial. Mas ele também é casado e nada acontece. A relação dos dois é para ela ao mesmo tempo essencial e insuportável, maravilhosa e desoladora. De fato ela sonha com uma nova família com ele e é esse sonho que ela se recusa a abandonar. Isso sonha nela, porque não é em absoluto seguro que se trate de um sonho dela, essa nova ordem familiar que se acontecesse se revelaria sem dúvida o sonho oco de um Outro.

Isso que falha: um homem vem porque ele assiste ao fracasso de suas relações amorosas com homens no entanto muito diferentes que, uns depois dos outros, se recusam a lhe dizer ou lhe testemunhar seus amores. Entretanto, como na vida profissional, ele fica. Foge daqueles que o amam da mesma forma que eles fogem dele, e aparece muito rapidamente que sua posição de amante, a daquele que prefere amar do que ser amado, é o nervo desse fracasso que faz falhar a metáfora do amor, a transformação, impossível para ele, de amante em amado. Esse fracasso é então como diz Lacan, "o texto por excelência de sua existência"³.

Isso que ri: aqui devo dizer que contrariamente aos dois Issos precedentes, os exemplos clínicos parecem não serem abundantes de cara. Raras com efeito são as pessoas que chegam a um analista rindo. São sobretudo a emoção, as lágrimas, a dor ou o constrangimento que estão presentes no primeiro encontro. Mas refletindo um pouco, é claro que isso ri. Do paranoico que tem certeza que os outros riem dele, ao sentimento paralisante do ridículo que afeta o neurótico, isso ri, isso ri dele. Um passo a mais e fica claro que aquele que ri do *fallasser* é apenas o próprio sujeito. Dessa forma, esse analisante que se ouve dizer que ele não se levou jamais a sério, ou esse outro que não pode dizer sem rir o que mais o divide. Mas além dessas modalidades subjetivas, isso simplesmente ri porque a linguagem, por se articular à fala tem uma substância cômica: mal-entendidos, quiproquós, equívocos são seus princípios de funcionamento porque a linguagem não está a serviço da informação.

Vocês devem ter reconhecido nesses "isso sonha", "isso falha" e "isso ri" uma conferência que Lacan proferiu em Bordeaux em abril de 1968, *Meu ensino, sua natureza e seus fins*, publicada por Jacques-Alain Miller no volume *Meu ensino*. Devem ter reconhecido também, nessa interpretação

magistral de Lacan, o Freud de *A interpretação dos sonhos*, da *Psicopatologia da vida cotidiana* e do *Chiste*. De fato, vocês sabem muito bem que desde Freud a psicanálise aborda a vida dos *falasseres* por essas pequenas coisas sem importância aos olhos do discurso dominante que são um sonho prestes a se apagar, uma pequena lembrança infantil, certamente inefável mesmo se falsa, talvez por ser falso, em todo caso não verificável, um ato falho, um lapso que se apresenta como a bobagem que não deve ser dita, a tirada de humor que fere porque toca precisamente ali onde isso dói. Pequenas coisas sem importância, mas não sem consequência, porque elas orientam, sempre na mesma direção cega, o destino dos homens até a História com H maiúscula.

O analista ouve então o inconsciente nessas intimidades que tentam se dizer, o inconsciente, isto é, o sujeito lacaniano, que como diz Lacan "não tem nada a ver com o que nós chamamos de subjetivo num amplo sentido... nem tão pouco com o individual"⁴. O analista ouve o efeito de significante que habita o *falasser*, que lhe escapa e frequentemente lhe complica a vida quando não o tortura. Entretanto aquele ou aquela que vem falar, nesse esforço de nomear "isso" nele, que sonha, que falha e que ri, - esforço contrariado às vezes pelas categorias do discurso do mestre, que procura estruturalmente produzir uma confusão no *falasser* intitulado isso "depressão, dependência" ou outras nomeações fundadas na ilusão de uma consciência senhora de si mesma e do universo, é de morrer de rir - aquele, em seu esforço de bem dizer, única indicação para mim para o tratamento analítico, já se afastou da modalidade da queixa. Dizer "eu venho por isso" é de fato constatar em si mesmo a estranheza do inconsciente, ter descoberto um núcleo consistente e resistente à dissolução no adormecimento geral pela cantiga de ninar da doença ou da saúde que conduz progressivamente

para a ancestral cantilena moralizadora. Não se trata de uma queixa e, mesmo se a gente pode legitimamente se queixar, será uma demanda? Sem dúvida, mas não daquelas em que se poderia acreditar, antes demanda de ser ouvido, verdadeiramente, isto é, no que não se sabe que se diz, enfim uma demanda de fazer consistir essa cadeia que torna o sujeito extimo ao *fallasser*. Essa demanda se enuncia em categorias alienantes filosófico-psicológicas, "conhecer-se", "compreender", "elucidar", "resumir", "mudar", até mesmo "cura-se". A doxa, nossa doxa, é que não se deve responder à demanda. De fato, efetivamente, nós não respondemos a ela, porque sabemos que não podemos. Nós não podemos porque essas categorias nas quais a demanda se diz são falsas, são categorias objetivantes da consciência de si, categorias perfeitamente inoperantes no registro do sujeito. Mesmo se elas nos são familiares e eventualmente podem nos tocar, elas vêm ao encontro do esforço esperado do analista.

Então o que é que nós fazemos do "eu venho por isso"?

Tomemos um pequeno exemplo que, por sua singularidade modesta, é esclarecedor. Uma jovem mulher chega para sua primeira entrevista. Começa a falar do "isso" que a traz: há alguns meses, de volta de uma viagem que a tinha levado a visitar um dos seus próximos, com quem ela tinha tido uma conversa sobre seus passados infantis em comum, foi tomada por um mal-estar, depois por crises de angústia e depois sentiu-se muito mal, a medicação não tendo produzido o efeito esperado. Ela me diz então que já tinha vindo me procurar dois anos antes, o que eu sabia, e que não tinha voltado, o que eu também sabia. Eu me calei. Que ela havia fugido. Que tinha feito entretanto um trabalho analítico com outra pessoa, ou melhor que "tinha fingido"⁵ durante um ano e meio. Por que tinha fugido, no sentido próprio, depois no sentido figurado, no que ela qualificava agora de

"análise de faz de conta"⁶? Eu a tinha amedrontado. Mais exatamente, meu olhar a tinha amedrontado. Um olhar sério, mais do que sério, severo, terrível. O olhar do seu pai morto durante sua adolescência. Foi sobre esse pai que tinha versado a conversa durante a viagem.

Esses dados me serão suficientes para precisar um pouco o "isso" com o qual nós temos a ver. Na realidade o interesse dessa vinheta reside no fato de que ela põe em evidência dois elementos: de uma parte o inconsciente do "isso falha", mal-estar e crise de angústia que desorganizam a atividade dessa jovem mulher e a impede de seguir o curso que ela tinha decidido dar à sua vida, no estilo escolhido de "faz-de-conta" e, por outro lado, um elemento mais enigmático, não sem relação com o sujeito do inconsciente, mas de uma outra ordem, o olhar, no caso aquele do pai, que ela me forneceu. Ela vem por um "isso", que amarra a falha própria ao significante (fuga ou mal-estar à beira do desvanecimento) e o olhar, cuja força explosiva desamarra a cadeia significante.

Utilizarei então uma metáfora que tomo emprestado a um filme recente para cernir o processo em jogo do lado do analista. Trata-se de "Démineur"⁷. Assistimos nesse filme a cenas de desativação de minas de bombas. Há inicialmente um fio que se trata de seguir prudentemente, esse fio pode levar a outros entrecruzados e ligados, e ao segui-lo chegamos a um detonador, ou vários, que é por sua vez ligado a uma carga explosiva. Eu diria que os "isso falha, isso sonha e isso ri" são conectados por uma cadeia significante que deve ser seguida com prudência, passo a passo, significante após significante, como Lacan nos alertou, até um detonador, aqui o pai, que tem o poder de fazer explodir a carga que o objeto olhar constitui para o sujeito. Esses diferentes elementos, sintomas e outras formações do inconsciente permitem demonstrar que uma

cadeia de significantes está sempre conectada a um objeto, o qual certamente comporta um aspecto significante compatível com as formações do inconsciente, mas tem a ver também com outra dimensão, muito mais explosiva, muito mais perigosa, que é um gozo enigmático solidificado em um traço. É a linguagem que coloca o sujeito em contato com essa "substância", o que obriga Lacan, no seu último ensino, a se perguntar se o inconsciente é imaginário ou real. Sobretudo real, aliás, porque o sentido sexual que transforma as formações do inconsciente em um fio vermelho a ser seguido explode precisamente ao contato com esses objetos imateriais. Esse já é o caso no texto de Freud sobre Signorelli onde todas essas agradáveis e divertidas substituições significantes acumuladas terminam em uma explosão sobre a morte e no fim da sustentação obtida no sonho da relação sexual. O inconsciente transferencial e o inconsciente real, que Jacques-Alain Miller desenvolveu, um amável e o outro explosivo, estão ambos presentes no "eu venho para isso". Nessas pequenas coisas sem importância das quais se ocupa a psicanálise jaz uma carga de dinamite que pode explodir tanto na psicose quanto na neurose. Se a pessoa que vem consultar um analista não o sabe, embora em geral se ela vem é porque suspeita, o analista é avisado disso. Por eu ter utilizado uma metáfora e ser sempre difícil deter sua fuga de sentido, quem é o desativador de minas? O analisante, o analista? Responder que não é possível um sem o outro seria fácil, o que aliás não é falso. O desativador de minas é o processo analítico. As bombas existem, mas nós não somos obrigados a colocar os pés em cima delas. É necessário saber localizá-las para poder se orientar.

Então, curar com a psicanálise? A cura remete à medicina e - como B. Kouchner, muitas vezes e sempre ministro de alguma coisa que, no seu tempo, se precipitava

no ato - em direção a esse campo da saúde, sem preparação e num ritmo forçado, os psicanalistas não se deixam levar. Sabemos de fato que um pequeno dodói na alma pode destruir qualquer *falasser*, às vezes vários, tão inevitavelmente quanto um vírus. Talvez seja graças a ele e ao seu lado, espada em riste, que me ocorreu em oposição essa metáfora da desativação de minas. Nada de batalhões de psicanalistas envolvidos na guerra contra as entidades mórbidas que põem em perigo o funcionamento do corpo social. Mas podemos escolher avançar com a psicanálise em direção ao que não é nem a doença nem a cura, apenas uma solução.

Tradução: *Fernando Coutinho Barros*

¹ Traduzi "*tout un programme*" por "toda uma história", mais coloquial em português. (N.T.)

² Traduzi "*qu'entend*" por "o que ouve". Em francês "*entendre*" por significar tanto entender como ouvir. (N.T.)

³ Lacan, J. (outubro de 2005). "Meu ensino, sua natureza e seus fins". In *Mon enseignement*. Seuil: Paris, p. 99.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 100.

⁵ *Avait fait semblant* no original. (N.T.)

⁶ *Semblant d'analyse* no original. (N.T.)

⁷ Aquele que desativa minas. (N.T.)